



## O espaço discursivo de divulgação no campo religioso e científico

Sueli Ramos\*

**Resumo:** Nosso fazer sancionador, responsável pelo recorte e delimitação de totalidades, estabeleceu, dentro do campo discursivo religioso e científico, subconjuntos de formações discursivas que correspondem ao espaço discursivo de divulgação religiosa e divulgação científica. A fundamentação teórica a ser utilizada para atingir os objetivos propostos neste estudo consiste na semiótica greimasiana, na Análise do Discurso francesa (AD), herdada pela semiótica a partir dos conceitos elaborados por Maingueneau, na filosofia da linguagem e nos princípios do dialogismo bakhtiniano. Consideramos para este trabalho o projeto de reformulação do modelo semiótico, realizado por Greimas e Fontanille, associado aos aprimoramentos epistemológicos e técnicos introduzidos ao modelo por Zilberberg. Observaremos o sujeito da percepção, não apenas como o sujeito cognitivo que se emparelha ao narrador do nível discursivo, mas como o observador que apreende o mundo segundo um ritmo e que, ao imprimir um ritmo a seus discursos, contribui para a delimitação do *éthos*. Determinaremos como os textos que materializam a divulgação religiosa alcançam certa especificidade rítmica para que se defina a cena enunciativa. Dessa forma, estabeleceremos com mais profundidade as diretrizes dos mecanismos de construção do sentido, responsáveis pela elaboração dos enunciados que materializam o discurso de divulgação religiosa. Ao observar as recorrências dos mecanismos de construção do sentido dos textos, refletiremos sobre a noção de discurso de “divulgação religiosa” e de discurso de “divulgação científica”. Os dois tipos de discurso compõem o espaço discursivo das totalidades em confronto e são pertinentes à cena enunciativa partilhada, em que se propõem um *fazer-criar* e um *fazer-saber* peculiares, seja a palavra revelada, sejam as descobertas de origem científica.

**Palavras-chave:** divulgação religiosa, espaço discursivo, presença

## Introdução

Determinamos, dentro do campo religioso e científico, subconjuntos de formações discursivas, que correspondem ao espaço discursivo de divulgação.

A fundamentação teórica a ser utilizada, para que seja possível nos adequar aos objetivos do estudo proposto, consiste das bases teóricas da semiótica greimasiana, de linha francesa; da Análise do discurso (AD) francesa, incorporada à Semiótica por meio dos conceitos elaborados por Maingueneau (1997, 2005); dos princípios da obra de Bakhtin e de seu Círculo; dos desenvolvimentos recentes da semiótica tensiva, elaborados por meio dos aprimoramentos epistemológicos e técnicos introduzidos por Zilberberg.

Partindo do princípio dialógico da linguagem, tal como proposto por Bakhtin (2003), reconhecemos o sujeito da enunciação constitutivamente dialógico.

Estabelecemos como recorte analítico dois espaços

discursivos diferenciados: “divulgação religiosa” e “divulgação científica”. Para a “divulgação religiosa” estabelecemos como recorte textual enunciados de duas totalidades, supostamente confrontantes: A) Católica (revista *Catolicismo*) e B) Testemunha de Jeová (compêndio didático de estudo bíblico: *O Que Deus Quer de Nós*). A “divulgação científica” será cotejada por meio de duas totalidades: C) *Revista Científica American Brasil* e D) *Galileu*. Buscar-se-á, no recorte analítico proposto, instituir como objeto de pesquisa o ator da enunciação depreensível de discursos de “divulgação” postos em confronto.

Nosso *corpus* remete a um sujeito mais intenso como modo do presença no mundo, já que examinado em situação de uma responsividade peculiar. Veremos emergir, da descrição dos mecanismos de construção de sentido da totalidade de cada um desses discursos, um sujeito que apresenta um maior grau de interincompreensão constitutiva do discurso. Esse sujeito

\* Universidade de São Paulo (usp). Endereço para correspondência: ( suelling@yahoo.com.br ).

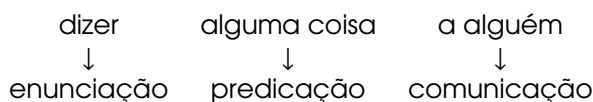
mais intenso se desenvolve na relação recíproca promovida pelo recorte analítico como concentrado nos próprios valores, que promovem a triagem ou a mistura de crenças, aspirações e ideais.

Veremos emergir, portanto, duas concepções diferenciadas, religiosa e científica, no que diz respeito à temática à respeito das células-tronco embrionárias e da questão das origens do homem e da humanidade. Propomos analisar, semioticamente, diferentes mecanismos de construção do sentido, segundo os quais se concretiza a “interincompreensão constitutiva” como “primado do interdiscurso” (Maingueneau, 2005). Por conseguinte, teremos um maior ou menor grau de polemização intersubjetiva.

Ao observar as recorrências dos mecanismos de construção do sentido dos textos, refletiremos sobre a noção de discurso de “divulgação religiosa” e “divulgação científica”, que permeia as totalidades em confronto, e que é pertinente à cena enunciativa partilhada, em que se propõe um fazer-criar e um fazer-saber peculiar, seja a palavra revelada, sejam as descobertas de origem científica.

## 1. Tipologia dos discursos de divulgação

Consideremos, inicialmente, a estrutura mínima do dizer, tal como pode ser observada mediante a seguinte esquematização (Zilberberg, 2007, p. 14):



A própria noção de divulgação, por sua natu-

reza dialógica, apresenta influência do destinatário (público-alvo presumido) na maneira como o enunciado estrutura-se composicionalmente e estilisticamente.

A comunicação, tal como observada nos discursos de divulgação, dos quais nos utilizamos em nossa pesquisa, caminha em uma direção contrária à observada com relação às modalidades veridictórias. Nestas há o predomínio de uma retórica da retenção (conservação), por oposição a uma retórica de divulgação (partilha), característica dos discursos divulgadores (Zilberberg, 2007, p. 14–15).

Conceberemos, assim, os discursos de divulgação como aqueles que se utilizam da “partilha da veridicção”, na medida em que estes caracterizam-se pela propagação e difusão de saberes, crenças, ideais, valores e pontos de vista, de uma formação discursiva determinada.

Para corroborar essa hipótese, tomemos, inicialmente, a própria concepção de divulgação:

- **Divulgar** [Do lat. *divulgare*.] 1. **Tornar público ou notório; publicar; propagar, difundir, vulgarizar.** [...] 2. **Tornar-se público ou conhecido; propagar-se, difundir-se** [Var. ant.: *devulgar*. Conjug.: v. *largar*.] (Ferreira, 2004).

- **Divulgar** vb. ‘vulgarizar, tornar conhecido, propagar, publicar’ | *devulgar* XV | Do lat. *divulgāre* || **divulgaÇÃO** 1873. Do lat. *divulgātio-ōnis* || **divulgaDOR** 1813. Do lat. *Divulgatōr-ōris* (Cunha, 1982, p. 273).

Vejamos, na Figura 1 abaixo, a demonstração da noção de divulgação, segundo o esquematismo tensivo.

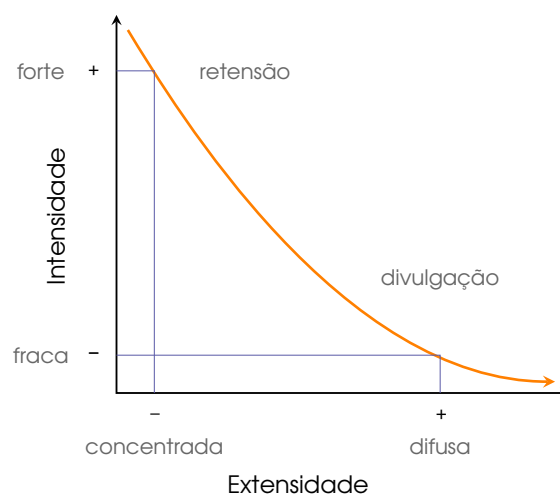


Figura 1: Esquema tensivo da divulgação (Zilberberg, 2007, p. 15)

A seguir, na Figura 2, apresentamos a estrutura dos valores de retenção e divulgação:

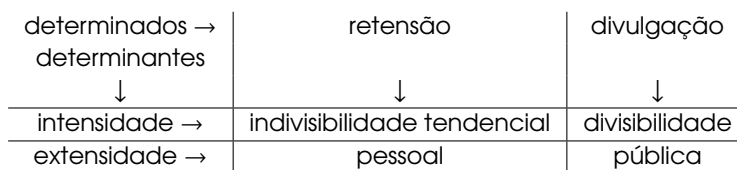


Figura 2: Estrutura dos valores de retenção e divulgação (Zilberberg, 2007, p. 15)

Por intermédio desse esquematismo, podemos verificar como a espacialidade figural é determinada nos discursos de divulgação por uma perspectiva do extenso, de espacialidade difusora, ocupante; contrária a uma perspectiva do intenso, de espacialidade concentradora, circunscritiva, própria aos discursos pautados pela retórica da retenção.

Tomando, especificamente, a divulgação religiosa, da qual nos ocupamos em nosso estudo, verificamos que as crenças partilhadas por esse discurso são inseridas em uma natureza informativa.

Observamos nesse discurso a imbricação entre saberes de crenças (avaliativos e apreciativos) e saberes de conhecimento (informativos). A interpelação do outro é determinada para fazer com que esse “outro” compartilhe determinados julgamentos sobre o mundo (relação de cumplicidade), após realização do julgamento epistêmico e posterior tomada de posição em relação à avaliação proposta (Charaudeau, 2006, p. 46).

Há, na divulgação religiosa, uma imbricação entre as modalidades do crer e do saber, concebidas segundo Greimas (1983) como pertencentes a um mesmo universo cognitivo. Verificamos, portanto, as cifras tensivas das modalidades do crer, com o privilégio de valores emissivos (continuativos) e a conservação do objeto de valor, associadas à modalidade do saber, caracterizada por valores remissivos (parada) (Zilberberg, 2006).

Os discursos de divulgação religiosa caracterizam-se pela sua constituição como um fazer interpretativo sobre um discurso primeiro, entendido, de acordo com Orlandi (2003), como discurso fundador. Assim sendo, dadas as interpretações suscitadas pela Bíblia, vista como discurso fundador do discurso de divulgação religiosa, podemos, de acordo com as afirmações de Panier (1986), caracterizar o discurso de divulgação religiosa sob a noção do discurso-comentário, na medida em que este, ao caracterizar-se como um texto de interpretação do relato bíblico, pode ser definido como um discurso segundo “produzido a partir de um pri-

meiro discurso, e que se apresenta como equivalente do ponto de vista do sentido” (Panier, 1986, p. 267).

Entretanto, Maingueneau (2005, p. 29) apresenta o conceito de discurso-comentário segundo a designação de “discurso devoto”. Para Maingueneau, os discursos devotos apresentam uma característica doutrinária própria, “se entendemos por isso enunciados cuja finalidade é menos especulativa do que prática: ensinar aos fiéis quais são os comportamentos que eles devem adotar para viver cristãmente em uma sociedade determinada” (Maingueneau, 2005, p. 29).

Desse modo, tomando como base as duas designações anteriores, propomos uma definição a respeito do que consideramos “discurso de divulgação religiosa”. Os discursos de divulgação religiosa operacionalizam duas categorias de performance: o fazer comunicativo ou persuasivo, no qual o comentário opera com a transmissão de um saber que se pretende como a verdade (fazer-saber); e um fazer interpretativo, no qual o “comentário interpreta a narrativa que toma por objeto” (Panier, 1986, p. 268). O fazer interpretativo exercido pela narrativa de comentário deve ser considerado como efeito de sentido produzido por esse discurso.

Desse modo, o discurso de divulgação religiosa constitui-se por meio de um procedimento parafrástico de função essencialmente alusiva que, pautado pela construção de simulacros, apresenta na enunciação dos diversos gêneros de divulgação religiosa uma função de reescritura e interpretação do relato bíblico. Esse discurso, servindo como mediador entre um destinatador divino superior e aqueles destinatários a quem se busca atingir, por meio de um texto instrucional e propagador da doutrina das Sagradas Escrituras, apóia-se em uma manipulação enunciativa para que o leitor (actante coletivo), tendo sido persuadido e aderido ao objeto modal “saber”, ou melhor, “dever-saber” e, portanto, deonticamente modalizado, queira aprender os fundamentos bíblicos em conformidade com a ideologia que os fundamenta (ver Figura ??).



Figura 3

O discurso religioso de divulgação, ao operacionalizar a dimensão cognitiva, apresenta ao homem um programa de ação por meio da execução de um fazer persuasivo, ou seja, por meio da proposição de um dever-fazer ao destinatário. Temos assim, um sistema de modalidades deônticas com a instalação de prescrições (dever-fazer) e interdições (dever não fazer).

Dada a assimetria instituída entre enunciador e enunciatário, poder e saber são dispostos assimetricamente entre eles. O enunciador, caracterizado por meio de uma operação fiduciária sobredeterminada pelo crer, destina-se a persuadir o enunciatário por meio de manipulações da ordem do poder, nas quais são propostas ao mesmo tempo tentações e intimidações.

Nesse discurso, o efeito de sentido de paroxismo autoritário chega ao limite, de tal modo que não se admitem questionamentos. O representante de Deus, ao se apropriar da palavra divina, o faz sem autonomia alguma. A voz de Deus se coloca como a voz do enunciador primeiro, onipotente e onisciente, cujo enunciado, ao lembrar os atributos divinos, configura-se por meio da modalidade epistêmica da certeza (crer-ser), devido à ausência de quaisquer elementos modais que possam levantar incerteza (não crer ser).

O sujeito, ao aceitar ser deonticamente modalizado por esse discurso, apresenta um julgamento ético sobre os enunciados. Esse julgamento se refere às estruturas modais éticas que modalizam os enunciados. “Compreende-se que haveria duas estruturas modais éticas, uma em que o /crer/ sobredetermina um /dever-fazer/ e outra em que ele sobredetermina um /poder fazer/” (Greimas, 1986, p. 143).

Assim, após o julgamento ético efetuado, o sujeito adquire um crer dever fazer (engajamento) e um crer poder fazer (competência).

Dessa forma, podemos concluir que os textos que materializam a divulgação religiosa alcançam certa especificidade rítmica para que se defina a cena enunciativa. Os discursos do espaço discursivo de divulgação religiosa pertencem a uma esfera de circulação do sentido, a que se pressupõe o “fazer-saber”, ou seja, a dimensão da doação de um objeto de valor cognitivo, que é o “saber das coisas de Deus”, dado como objeto desejável e possível, e tem como preocupação encadear injunções, ensinamentos, direta ou indiretamente. Dessa forma, os textos do espaço discursivo considerado se agrupam segundo elementos extensos, para fundar uma práxis semiótica da divulgação da

fé religiosa. Para isso, o andamento tende, assim como o estilo, em princípio, a apresentar marcas de desaceleração.

Contrariamente ao discurso fundador, pautado por um sujeito determinado segundo a concentração, há no discurso de divulgação religiosa, um sujeito determinado segundo a expansão. Essa expansão se verifica pelo preenchimento de lacunas semânticas, com o estabelecimento de fronteiras traçadas para o fiel. O fiel tem de ser orientado e ensinado: é necessário que se privilegie o contínuo, para que a previsibilidade sustente com segurança o fiel. Por meio dessa lentição é que se espera encontrar a imagem do sujeito determinada nos textos que materializam a divulgação religiosa.

Dessa maneira, a descrição dos mecanismos de construção do sentido nos enunciados enfeixados pelo discurso religioso e pelo discurso de divulgação, e que entendemos como cenas enunciativas complementares, nos permite compreender a instituição de um pacto fiduciário diferenciado no que corresponde à socialização do conhecimento que se refere a esses dois discursos. O preenchimento semântico dos lugares enunciativos do enunciador e do enunciatário apresenta variações no papel temático e figurativo de cada um desses sujeitos na passagem da cena enunciativa do discurso religioso para a cena enunciativa do discurso de divulgação religiosa. Podemos, concluir, portanto, que discurso religioso de divulgação, de maneira distinta ao discurso religioso fundador, institui a veridicção e a fideduciação segundo o proselitismo.

## 2. Tipologia dos discursos de divulgação religiosa

Feitas essas considerações iniciais, tomemos, por conseguinte, a função referencial de natureza extensiva, própria aos discursos de divulgação, para que possamos delinear a hipótese de uma tipologia dos discursos de divulgação religiosa.

Para a elaboração dessa hipótese, tomamos como base os estudos de Bueno (1985) e Grillo (2006), concernentes ao discurso de divulgação científica.

Bueno realiza a oposição entre dois tipos de discursos: disseminação científica e divulgação científica (Bueno, 1985, p. 1421).

A disseminação científica (especializada) teria como característica a presença de um código restrito, sendo voltada ao público-alvo de especialistas. Ela poderia

ser de dois tipos: a) disseminação intrapares (circulação de informações científicas e tecnológicas entre especialistas da área); b) disseminação extrapares (circulação de informações para especialistas situados fora da área do objeto de disseminação).

Já a divulgação científica, segundo o autor, “compreende a utilização de recursos técnicos e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas para o público em geral” (Bueno, 1985, p. 1421).

Neste trabalho, contrariamente ao que estabelece Bueno (1985), não nos utilizaremos da diferenciação entre disseminação e divulgação. Utilizaremos, tão somente, da noção de divulgação no estabelecimento da tipologia proposta.

Grillo (2006, p. 5), estabelece três campos/esferas distintas em que a divulgação científica pode ocorrer: campo científico (público-alvo mais restrito — especializado); campo educacional (instrucional); campo de informação midiática (público-alvo mais amplo).

Procuramos, assim, com base nas proposições de Bueno e Grillo, formular uma tipologia do discurso de divulgação religiosa, tendo por princípio o estabelecimento de quatro cenas enunciativas diferenciadas:

### **2.1. Divulgação religiosa especializada**

A divulgação religiosa especializada realiza-se no campo religioso; tem como público-alvo os pares que partilham dos mesmos valores da formação discursiva determinada e tem como enunciador um porta voz autorizado (agente de prestígio), sobretudo, o papa. Ex.: gênero encíclica Católica.

### **2.2. Divulgação religiosa instrucional**

A divulgação religiosa instrucional, presente no campo educacional religioso, apresenta uma espacialização característica, e que, organizada ao redor da instância do aqui, constrói o simulacro da cena de doação de saber. A irreversibilidade de posições enunciativas é definidora dessa tipologia de discursos. O enunciado divulgador constrói, por meio da ilusão de reversibilidade, uma proximidade da ordem da estabilidade com a definição hierárquica de lugares enunciativos do arquidestinator (Deus), do mestre (destinator mediador e, portanto, divulgador da Palavra Divina absoluta) e do discípulo (destinatário e receptor do saber religioso). Teremos, portanto, uma espacialização determinada pela direção superativa no eixo da verticalidade, a fim de que o destinatário (fiel) estabeleça o “alto” como categoria, para que assim seja possível retomar o seu encontro com Deus.

Vemos emergir, portanto, nos discursos de divulgação religiosa, um tom de “orientação” determinado por uma voz que define o estabelecimento de dois lugares enunciativos: o mestre (aquele que sabe e deve transmitir o conhecimento) e o discípulo (aquele que deve aprender).

A lentidão, própria aos discursos de divulgação religiosa de caráter instrucional, corresponde à preocupação com a previsibilidade apresentada por esses discursos. O caráter de ensinamento, próprio aos discursos de divulgação, pode ser associado, portanto, à lentidão e desaceleração características. Ex: gênero compêndio; livros instrucionais.

### **2.3. Divulgação religiosa propagandista**

Para corroborar a hipótese de distinção entre a tipologia proposta: divulgação religiosa instrucional (educacional) e divulgação religiosa de conversão (propagandista), tomemos como base a correlação entre educador vs. propagandista, definida por Perelman; Olbrechts-Tyteca (2005, p. 57-58):

Harold D. Lasswell, o especialista americano dessas questões, crê que o educador difere essencialmente do propagandista porque seu tema versa sobre matérias que não são, para seu auditório, objeto de controvérsia. O padre católico que ensina os preceitos de sua religião a crianças católicas de sua paróquia cumpre um papel de educador, ao passo que é propagandista e se dirige com o mesmo intento, aos adultos membros de outro grupo religioso. Mas em nossa opinião há mais. Enquanto o propagandista deve grangear, previamente, a audiência do seu público, o educador foi encarregado por uma comunidade de tornar-se o porta-voz dos valores reconhecidos por ela e, como tal, usufrui um prestígio devido a suas funções (Perelman, 2005, p. 57-58).

Na divulgação religiosa propagandista (conversão), o sujeito é manipulado a realizar a parada da própria parada, responsável pelas condições tensivas do programa de manipulação anterior (formação religiosa A), para que possa ser integrado ao novo sistema de valores (formação religiosa B), com a determinação de uma nova continuidade (relaxamento), com a cifra da sanção positiva que integra o cristão com o O<sub>v</sub> “graça divina”. Ex. Compêndio didático de estudo bíblico (Testemunha de Jeová, doravante T<sub>J</sub>), tratados (folhetos) de estudo bíblico.

### **2.4. Divulgação religiosa Midiática**

A divulgação religiosa midiática, presente no campo religioso de informação midiática, possui as mesmas características que o discurso científico da esfera midiática, sendo submetida às próprias coerções do campo midiático: atualidade; objetividade; efeito de sentido de duplicação do real; referencialidade; compromisso com a veridicção; argumento de autoridade; uso de atores detentores de legitimidade social para afirmação de

determinados valores propugnados pela formação religiosa considerada; heterogeneidade mostrada e marcada; aspas e glosas do enunciador; informatividade (interlocução jornalística); captação do leitor. Essa cena enunciativa apresenta um público-alvo mais restrito, por ter seu meio de difusão realizado, sobretudo, por meio de assinaturas ou vendas em livrarias religiosas específicas, tal como Paulinas, Paulus, Loyola, etc. Ex: artigos jornalísticos e entrevistas em revistas e jornais de divulgação religiosa especializada. Podemos citar também a televisão, que ultimamente vem se expandido como um importante meio de divulgação religiosa, de amplitude e público mais amplos do que

as revistas e jornais especializados.

### 3. Dialogismo polêmico

Desse modo, ao termos procedido ao recorte de duas totalidades antagonônicas, teremos, portanto, o embate entre duas interincompreensões, o que resulta em quatro totalidades (A) Católica (Revista *Catolicismo*); (B) Testemunha de Jeová (Compêndio didático de estudo bíblico: *O Que Deus Requer de Nós*); (C) *Revista Scientific American Brasil* e (D) *Galileu*, sendo, respectivamente, (A) e (B) pertencentes à divulgação religiosa e (C) e (D) à divulgação científica.

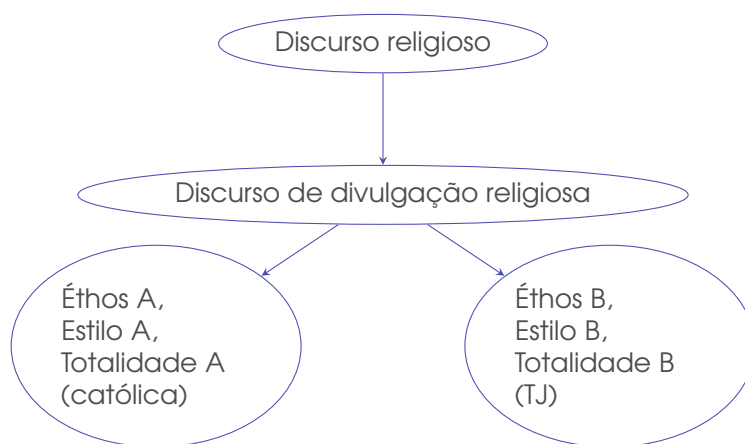


Figura 4

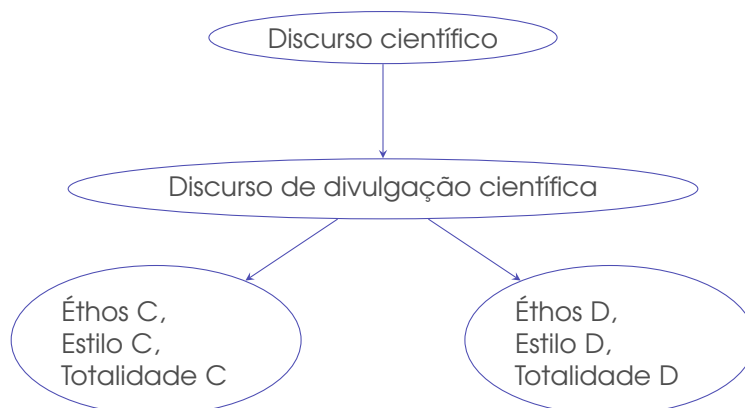


Figura 5



Para que possamos caracterizar de forma mais abrangente o modo de presença dos enunciados enfiados pelo discurso de divulgação religiosa e científica e, por conseguinte, o modo próprio de presença das totalidades recortadas, no que diz respeito à temática a respeito das células-tronco embrionárias e à questão das origens do homem e da humanidade, propomos analisar, semioticamente em (7) e (8), os diferentes mecanismos de construção do sentido, de alguns excertos recortados das quatro totalidades propostas: divulgação religiosa (A) Católica e (B) Testemunha de Jeová; divulgação científica (C) *Revista Científica American Brasil* e (D) *Galileu*, e por conseguinte, o maior ou menor grau de polemização intersubjetiva, segundo a prevalência de operações de “triagem” ou “mistura” (Zilberberg, 2004, p. 90-01).

Tomaremos os coeficientes de triagem, caracterizados segundo a dissociação de pontos de vista, com a exclusão dos objetos rejeitados e dos sujeitos que os assumem, por oposição aos de mistura, caracterizados pela inclusão de pontos de vista contraditórios.

Veremos como se constroem o conjunto de pontos de vista, no que diz respeito às totalidades discursivas, supostamente confrontantes.

### 3.1. Divulgação religiosa

#### (A) Catolicismo: gênero entrevista

CATOLICISMO. Uma nova vida humana começa no exato momento da fecundação. In: *Catolicismo*, n. 689, maio de 2008. São Paulo: Padre Belchior de Pontes, 2008, p. 18.

#### **Uma nova vida humana começa no exato momento da fecundação**

*Catolicismo* — Qual é a natureza do presente debate sobre experiências científicas com embriões humanos?

**Prof. Dalton** — A natureza do debate é discutir o momento do início da vida. Julgo importante reafirmar um *fato*. No meu ponto de vista — devidamente demonstrado, como explicarei —, *uma nova vida humana*, segundo a Biologia e a Genética, *começa no exato momento da fecundação*. Uma nova vida humana, zigoto, embrião etc. A Biologia e a Genética vão empregar diferentes terminologias para caracterizar diferentes estágios do desenvolvimento, mas o *fato* é que, no momento da junção de dois gametas (masculino e feminino) uma identidade geneticamente única se formou. Portanto, no momento da fecundação cria-se um patrimônio genético diferente daquele do pai e da mãe. Esse é um aspecto importante que merece ser ressaltado, porque a identidade dessa nova vida

se cria já naquele exato momento chamado fecundação (Ramos, 2008, p. 18).

#### (B) Testemunha de Jeová: gênero compêndio didático de estudo bíblico

O QUE DEUS Requer de Nós. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1996.

Jeová é a Fonte da vida. Todas as coisas viventes devem a vida a Deus (Salmo 36:9). A vida é sagrada para Deus. Mesmo a vida de um bebê ainda por nascer, no ventre da mãe, é preciosa para Jeová. Matar deliberadamente esse bebê em desenvolvimento é errado aos olhos de Deus. Êxodo 21, 22, 23; Salmo 127: 3 (*O que Deus*, 1996, p. 24).

### 3.2. Divulgação científica

#### (C) *Scientific American Brasil*: gênero artigo — seção Observatório

PEREIRA, Lygia da Veiga. Células-Tronco, Embriões e a Constituição. In: *Scientific American Brasil*, n. 73, junho de 2008. São Paulo: Duetto, 2008, p. 94.

[...] Em conclusão, o STF não deverá julgar se as CTs embrionárias são piores ou melhores do que as adultas — essa dicotomia não se aplica, pois precisamos pesquisar todos os tipos de CTs — nem se aquele embrião é vida ou não. Ele é uma forma de vida humana, mas provavelmente não um brasileiro ou estrangeiro residente no país aos quais a Constituição garante “inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade” (Pereira, 2008, p. 94).

#### (D) *Galileu*: gênero reportagem de capa

GALILEU. Religião X Ciência: Mais uma vez, o conflito pega fogo. In: *Galileu*, n. 171, outubro de 2005. São Paulo: Editora Globo, 2005, p. 28-41.

“Sempre há resistência quando a ciência avança”. Mariana Zats, geneticista (Tiraboshi, 2005, p. 30).

“Não sou a favor de quem manipula a vida humana. Cientificamente sou contra”. Lilian Eça, biomédica (Tiraboshi, 2005, p. 30).

“Os meios não justificam os fim e nem tudo tecnicamente possível pode ser eticamente admissível. Este é um não aos valores humanos”, diz o monsenhor Jacques Suadeau, membro do comitê científico da Academia Pro Vita (Tiraboshi, 2005, p. 38).

Na medida em que a construção do campo se dá pelo estabelecimento da verdade das diferentes posições e

os limites de validade das diferentes tomadas de posição (pretendentes ou não à verdade) (Bourdieu, 2004), observaremos, portanto, como se dá a argumentação entre as esferas/campos discursivos de divulgação religiosa e científica. Consideraremos as totalidades, tanto do discurso de divulgação científica, quanto de divulgação religiosa, apoiadas em seus pontos de vista, de acordo com a ideologia da instituição.

Vejamos, por meio da análise dos excertos em (7) e (8), como se processa o diálogo entre as esferas (divulgação religiosa/científica), determinada pela atitude responsiva, discordância e tomada de posição com relação ao tema das células-tronco e da origem da vida

Em (A), a voz do ator social, professor de ética profissional e bioética da Universidade de São Paulo, embora não seja pertencente à comunidade religiosa, apresenta-se como uma autoridade legítima e reconhecida pela comunidade, por apresentar valores partilhados com a comunidade católica, com a defesa de um ponto de vista contrário às pesquisas de células-tronco embrionárias.

Em (B), temos um exemplo de imbricação entre o campo educacional e midiático da formação discursiva das TJ, com a defesa do ponto de vista contrário a temática que atentaria contra a vida, mesmo a “vida de um bebê ainda por nascer, no ventre de sua mãe”.

Em (C), a voz do ator social (Lygia Pereira da Veiga), é apresentada como porta-voz legítimo e reconhecido pela comunidade científica

Lygia da Veiga Pereira é professora livre docente e chefe do Laboratório de Genética Molecular do Instituto de Biociências da USP e autora dos livros *Clonagem: da ovelha Dolly às células-tronco e Sequenciaram o genoma humano. . . E agora?* (Editora Moderna) (Pereira, 2008, p. 94).

Ela expõe, através do gênero artigo, um ponto de vista favorável às pesquisas com células-tronco embrionárias. O texto se constrói mediante a prevalência de operações de triagem, com o efeito de sentido de monologismo, com a exclusão da voz do outro e do ponto de vista por ele defendido.

Em (D), em contrapartida, observamos a presença de (i) polemização intersubjetiva dentro do campo/esfera de divulgação científica e até mesmo (ii) o diálogo entre esferas (divulgação religiosa e divulgação científica):

(i) Polemização intersubjetiva dentro do campo/esfera de divulgação científica

“Sempre há resistência quando a ciência avança”. Mariana Zats, geneticista (Tiraboshi, 2005, p. 30).

“Não sou a favor de quem manipula a vida humana. Cientificamente sou contra”. Lilian Eça, biomédica (Tiraboshi, 2005, p. 30).

(ii) Diálogo entre esferas (divulgação religiosa e divulgação científica)

“Os meios não justificam os fim e nem tudo tecnicamente possível pode ser eticamente admissível. Este é um não aos valores humanos”, diz o monsenhor Jacques Suadeau, membro do comitê científico da Academia Pro Vita (Tiraboshi, 2005, p. 30).

Não por acaso, o papa João Paulo II, ao tratar da “dignidade da criança ainda não nascida” na sua Encíclica “*Evangelium Vitae*”, citou o Novo Testamento ao confirmar o “indiscutível reconhecimento do valor da vida desde o seu início”, delineando a linha mestra de ação do Vaticano (Tiraboshi, 2005, p. 38).

Como exemplo de diálogo entre esferas, notamos a referência ao gênero encíclica (divulgação religiosa especializada), e de seu agente de prestígio, o papa João Paulo II. Por se tratar de uma revista de difusão mais ampla, verificamos na reportagem de capa a prevalência de operações de mistura com a presença de diferentes pontos de vista: religioso e científico. Esse efeito de sentido de imparcialidade e objetividade estaria mais próximo às próprias coerções do campo midiático, sobretudo, jornalístico.

## Conclusão

As assimilações de simulacros das imagens ditadas pelos saberes de crença ou de informação se referem aos diferentes modos de pensar o mundo, relacionados aos interesses de grupos sociais postos em confronto e ligados à instituição religiosa ou científica que os legitima. Pretendemos, assim, realizar uma tentativa de determinar uma tipologia dos discursos de divulgação, mediante a observação da prevalência de operações de triagem ou mistura de pontos de vista, crenças e ideais a respeito de um tema comum, e, dessa forma, determinar o modo de presença, o *ethos* característico desses discursos. ●



## Referências

- Bakhtin, Mikhail  
2003. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bourdieu, Pierre  
2004. O espaço dos pontos de vista. In: Bourdieu, Pierre. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Editora Unesp, p. 43-48.
- Bueno, Wilson da Costa  
1985. Jornalismo científico: conceito e funções. *Ciência e Cultura*, São Paulo: SBPC, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, Setembro.
- Charaudeau, Patrick  
2006. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- Cunha, Antônio Geraldo  
1982. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda  
2004. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Positivo.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph  
1986. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachete. Tomo 2.
- Grillo, Sheila Vieira de Camargo  
2006. Divulgação científica na esfera midiática. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. 15, p. 1-10 (CD-ROM).
- Maingueneau, Dominique.  
1997. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes.
- Maingueneau, Dominique.  
2005. *A gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições.
- O que Deus requer de nós*  
1996. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados.
- Orlandi, Eni Puccinelli  
2003. *Discurso fundador*. Campinas: Pontes.
- Panier, Louis  
1986. O discurso de interpretação no comentário bíblico. In: Landowski, Eric; Greimas, Algirdas Julien. *Análise do discurso em ciências sociais*. São Paulo: Global, p. 267-283.
- Pereira, Lygia da Veiga.  
2008. Células-tronco, embriões e a constituição. *Scientific American Brasil*, São Paulo, Duetto, v. 73, p. 94.
- Perelman, Chaïm; Olbrechts-Tyteca, Lucie  
2005. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ramos, Dalton Luiz de Paula  
2008. Uma nova vida humana começa no exato momento da fecundação. *Catolicismo*, v. 689, São Paulo: Padre Belchior de Pontes, p. 18-20. Entrevista concedida à revista *Catolicismo*.
- Tiraboshi, Juliana; Menai, Tânia; Aquino, Guilherme  
2005. Religião X ciência: mais uma vez, o conflito pega fogo. *Galileu*, v. 171, São Paulo: Editora Globo, p. 28-41.
- Zilberberg, Claude  
2004. As condições semióticas da mestiçagem. *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume, p. 69-101.
- Zilberberg, Claude  
2006. *Razão e poética do sentido*. São Paulo: Edusp.
- Zilberberg, Claude  
2007. Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*, v. 13, São Paulo: PUC-SP, p. 13-18.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Ramos, Sueli

Discursive Space Diffusion on Religious and Scientific Field

*Estudos Semióticos*, vol. 5, n. 2 (2009)

ISSN 1980-4016

---

**Abstract:** *Our sanction doing, responsible for the delimitation of totalities, established, in the religious and scientific discursive field, discursive formation subgroups which correspond to the discursive space of religious and scientific diffusion. In order to achieve our objectives, the theoretical basis used here consists on Greimas's Semiotics' concepts, French Discourse Analysis, incorporated in Semiotics by Maingueneau, philosophy of language and Bakhtin's dialogism principles. We also consider the project of reformularization of the semiotic model, proposed by Greimas and Fontanille, associated with the epistemological and technical improvements to the model introduced by Zilberberg. We will observe the subject of perception, not only as the cognitive subject that pairs up with the narrator of the discursive level, but as the observer who apprehends the world according to a pace and, when printing a rhythm in its speeches, helps in defining the ethos. We will determine how the texts that materialize the religious diffusion reach certain rhythmic specificities so that the enunciative scene is established. Thus, we will establish in more detail the guidelines of the mechanisms of meaning construction that build enunciates materializing the discourse of religious diffusion. By observing the recurrence of the mechanisms of construction of the meaning of texts, we will reflect on the notions of "religious diffusion" discourse and "scientific diffusion" discourse. Both types of discourse compose the discursive space of totalities in confrontation and are related to the shared enunciative scene in which it is proposed a make-believed and a doing-known, be it on the revealed word or on the scientific discoveries.*

**Keywords:** *religious diffusion, discursive space, presence*

---

### Como citar este artigo

Ramos, Sueli. O espaço discursivo de divulgação no campo religioso e científico. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: ( <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> ). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 5, Número 2, São Paulo, novembro de 2009, p. 27-36. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 29/11/2008

Data de sua aprovação: 28/02/2009

---